

CÂMARA MUNICIPAL DE BARCELOS

BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL



«ANTÓNIO FOGAÇA POETA DE SEMPRE»

**Exposição Biográfica e Documental
no
Centenário do Falecimento**

BARCELOS, 1989



.134.3-1Fogaça,
T

CÂMARA MUNICIPAL DE BARCELOS

BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL

«ANTÓNIO FOGAÇA POETA DE SEMPRE»

**Exposição Biográfica e Documental
no
Centenário do Falecimento**



**De 20 de Maio a 8 de Junho de 1989
Na Sala de Exposições do Palácio dos Duques de Bragança**

BARCELOS, 1989

CÂMARA MUNICIPAL DE BARCELOS

Presidente: Dr. João Baptista Machado

Vereador do Pelouro da Educação e Cultura: Prof. António Jardim da Silva

BIBLIOTECA MUNICIPAL DE BARCELOS

Bibliotecário: Dr. Víctor Manuel Martins Pinho da Silva

FICHA TÉCNICA

Coordenação: Dr. Víctor Manuel Martins Pinho da Silva

Fotografia: Casa Hilda (Coimbra) e Alberto Filipe Monteiro Lopes

Execução: José Manuel de Sousa Leite

Lucindo José Gomes de Faria

José António Gomes de Faria

Maria Manuela Peixoto Gomes de Lima Ribeiro

Afonso Henriques Santos Campos

Composição e Impressão: Comp. Edit.^a do Minho, S. A.

ANTÓNIO FOGAÇA, O PERFIL DO HOMEM

*«Enganaram-se os poetas, irmãos do poeta.
António Fogaça não morreu. Foi, num leito de
rosas, noivar junto da Lua...»*

(Ernesto Várzea — Balmaceda)

Embora tenha falecido prematuramente, apenas com 25 anos de idade, quando havia ainda muito a esperar da sua elevada capacidade de poetas, António Fogaça constitui, ainda hoje, um dos vultos mais significativos da literatura barcelense.

No domínio da poesia, onde este rincão é fértil em individualidades, gostaríamos também de recordar os nomes dos irmãos Malheiros, Alberto e António, Jaime de Séguier, Alfredo de Carvalhais, Dulce Montalvo e de tantos outros, que fizeram desta forma de arte a expressão suprema do manifesto da sua sensibilidade e da sua imaginação.

Pena é que, passados tantos anos, ainda ninguém tenha metido mãos à obra de gravar em monumento os seus nomes, tornando-os mais presentes junto dos seus concidadãos e prestando deste modo um preito de homenagem a quem marcou a cultura desta região.

Filho do Dr. Martinho António Gomes de Araújo, médico barcelense, e de D. Maria José do Carmo Machado de Miranda Fogaça, o poeta dos «Versos da Mocidade» nasceu em Vila Frescainha de S. Martinho, Barcelos, em 11 de Maio de 1863.

A primeira referência sobre a sua personalidade é-nos revelada por Rodrigo Veloso, na *Barcellos-Revista*. Apresenta-nos um António Fogaça, então amanuense na Conservatória de Barcelos, acanhado, muito metido consigo próprio e com o trabalho e pouco comunicativo. O poeta tinha então 16 anos e havia-lhe falecido o pai, há bem pouco tempo, vendo assim, interrompida, abruptamente, a sua carreira de estudos.

Não deixa de ser também curioso que o citado autor, contemporâneo do poeta, nos revele ainda um Fogaça apático, sem manifestar qualquer reacção aos ditos dos companheiros que, frequentemente, o metiam ao barulho, a pretexto das mais pequenas coisas.

Para trás tinha ficado a estadia em Braga, a partir de 1878, onde cursou os preparatórios liceais, continuados depois, em 1880, em Coimbra, onde se fixou com a família.

Mas da sua permanência em Barcelos é ainda possível referir os seus passeios predilectos pelas margens do Cávado, «sombrio, profundo e cismador» no qual costumava banhar-se com o seu irmão João Carlos e os temores de «um poço do demónio», no Penedo do Enxofre, que narra em poema.

Cedo António Fogaça começara a poe­tar, por volta dos quinze anos, mas na Lusa Atenas, onde frequenta a Faculdade de Direito, encontra um óptimo meio que lhe permite desenvolver toda a sua capacidade criadora e produzir poemas de rara qualidade estética.

Perfeitamente integrado no ambiente coimbrão usufrui da amizade e convivência de muitos companheiros, alguns dos quais se deixam entusiasmar pela sua maneira de ser esfusante e capacidade de poe­tar com arte e elevação.

Para Eugénio de Castro as duas melhoress coisas de Barcelos são «as laranjinhas de doce e os versos de António Fogaça», enquanto que para António Nobre o poeta era o único possuidor de «talento e alma» capaz de «alumiar a minha estrada de bachel». .

Participava «o nosso António» ou «o nosso querido António» como o tratavam os amigos, no ambiente do «Anda à Roda», loja da baixa coimbrã onde se juntava a chamada «plebe académica» para beber cerveja, dizer versos e comer bacalhau crú.

Miranda de Andrade no livro «O Poeta António Fogaça» descreve-nos o poeta com voz rouca e franca, cabeleira negra encaracolada, nariz aquilino, belo e simpático riso, representando «o tipo superior do estudante de Coimbra, com o seu temperamento sonhador, boémio e poeta».

Segundo o mesmo autor não se lhe conheceu nenhum amor profundo, embora pessoas de família tenham tido conhecimento de alguns. A sua poesia é, aliás, toda ela enlevada em torno da mulher amada, traçando-nos belos quadros de sensações amorosas, bastante originais.

Mas a vida de António Fogaça não teve apenas momentos de ventura e de prazer. A morte dos familiares marcou-o profundamente. Depois da morte do pai em Barcelos, faleceram-lhe em Coimbra, o irmão João Carlos em 1882, e a irmã Maria dos Prazeres, em 1886, que haveria de recordar em verso.

Para Miranda de Andrade, no citado livro, a perda das três pessoas queridas determinou «um estado agudo de perturbação nervosa e excitação psíquica, com decisiva influência nas reacções do Sentimento, que se traduziram, esteticamente no verso.»

A publicação do seu primeiro e único livro «Versos da Mocidade» publicado em 1887 e reeditado em 1903 parece ter sido feita a expensas de amigos e condiscípulos. Todavia o dinheiro não devia abundar. Assim se compreendem as três cartas enviadas ao bibliógrafo e editor elvense, seu amigo, António José Torres de Carvalho a solicitar com veemência o envio dos «pálidos bagos» pela venda do livro, pois «estou muito mal de dinheiro tendo as matrículas no dia 2» e numa outra carta: «Tenho uma letra a vencer-se-me. Conto até ao dia 10 com esses pálidos tostões.»

Estas cartas publicadas por Viale Moutinho na «Barcellos-Revista» (1984) revelam-nos um António Fogaça a passar uma situação económica que não seria das melhores, face aos encargos com a edição do livro.

De qualquer modo o livro foi recebido positivamente pela crítica, que saudou Fogaça como lírico de grande mérito. Conta-se até, que Guerra Junqueiro costumava trazer nos bolsos um exemplar dos «Versos da Mocidade», fazendo leituras aos amigos, especialmente das «Orações do Amor».

Mas foi efémera a passagem pela vida deste nosso poeta. Apenas com 25 anos e quando frequentava o terceiro ano do curso de Direito, haveria de falecer vítima do tifo, no dia 27 de Novembro de 1888. Mas mesmo moribundo não deixou de ser poeta e Trindade Coelho, seu íntimo amigo, haveria de registar no seu exemplar dos «Versos da Mocidade» as suas últimas quadras: O sol era meu amigo. / Mas como muito se eleva, / Uma vez que fui consigo / Caí, rolando na treva!

Curioso é o último soneto publicado nos «Versos da Mocidade» intitulado «Indiferente» em que o poeta se afasta do mundo e como que descrente, deseja passar a uma vida isenta de mágoas e de tristezas, de que deixamos aqui a primeira quadra: «Bem sei que já não tenho quem me acoite / sob a luz dos seus olhos, mas, no entanto, / que sossego, que flácido quebranto / no bem estar suavíssimo da noite!».

Nesta hora de festa, em que se comemora, mais uma vez o Poeta dos «Versos da Mocidade» procuremos redescobri-lo na sua juventude, na sua paixão pelas coisas belas da vida, no seu amor e dedicação à expressão genuína e simples da poesia, na sua plena sinceridade e sensibilidade de transformar o mundo.

Víctor Pinho



António Fogaça, o Poeta

Nasceu António Fogaça em 11 de Maio de 1863 e daqui partiu adolescente ainda, para Coimbra, com a família que lhe restava, a fim de aí prosseguir estudos.

Empenhado em tirar o Curso de Direito, não deixou, no entanto, de continuar o itinerário que como poeta e em tão verdes anos ainda, se lhe anunciava. Bem aceite no ambiente estudantil da Coimbra boémia, facilmente conseguiu amizades e a admiração pelas qualidades promissoras que começava a revelar nesse itinerário que mal se esforçava ainda e que era o dos poetas da sua geração.

Amigo e companheiro de Trindade Coelho e António Nobre, entre outros, destes difere, no entanto, pela sensibilidade poética dos seus versos, embora pertença como eles a essa época em que o Romantismo era ainda do gosto de muitos poetas, o Parnasianismo dava os últimos passos e o Simbolismo apenas se começava a adivinhar.

Mas por diferentes que fossem os cânones estéticos de cada um deles, havia contudo semelhanças: Semelhanças algumas com António Nobre porque como ele era jovem, poeta e condenado a uma morte prematura. Sobre a sua cabeça a espada da morte estava suspensa, mas António Fogaça não lhe sentia a presença e muito menos a temia. Daí, um grande apego à vida que traduz em versos como o desse poema intitulado «Em defesa».

«(...)
Os meus olhos não são sudários
Reflectindo ao luar as lâminas fatais...
(...)
Para expelir do sonho as névoas da amargura
(...)
Basta encarar o sol e ter feito vinte anos.»

Os seus olhos estavam postos no futuro, enquanto que António Nobre não despegava o olhar do passado, sobretudo desse tempo de infância que entre affectos vivera, deixando que nele se acentuasse um narcisismo apaixonado e doentio que cada vez mais o dominava.

Mas para além de muitas diferenças, é notável em ambos como uma espécie de fascínio, o gosto pelo sonho que das ruas luarentas de Coimbra se desprende e esse privilégio que é a capacidade de poder conciliar-se o estranho e o familiar, as sombras e a luz, a inocência e o conhecimento.

Sendo a poesia produto de uma época, aquela em que viveu António Fogaça iria de certo modo, influenciá-lo. — Uma época em que muitos dos poetas coimbrãos eram, como se disse, ainda românticos, apesar de o Realismo se apresentar então, como uma forte corrente literária e o Parnasianismo ser, ainda, da simpatia de uns quantos.

Consequentemente, nesse crepúsculo do Romantismo que ainda persistia em Coimbra na voz dos poetas, António Fogaça revela-se sensível à influência de João de Deus. Mas apesar de afinidades estéticas de Escola e identidade de reacções sentimentais, não tardaria a erguer uma voz muito jovem ainda, uma voz que era bem a sua.

Diversa da de João de Deus se torna pois, a poesia de António Fogaça em cujo roteiro lírico e naquela sua singela elegância, avulta por vezes, um gosto paisagístico vindo da escola que o Realismo criara.



«Romântico de costela realista» lhe chamou Urbano Tavares Rodrigues. Na verdade, o Realismo está presente em alguns aspectos da sua poesia e embora António Fogaça seja frequentemente considerado herdeiro de João de Deus e do Parnasiano Gonçalves Crespo, não se poderá ignorar que, de certo modo, ele é um parente, por vezes, relativamente próximo dos Realistas, como se verifica, por exemplo, no modo como, objectivamente, traça a aguarela que é o soneto intitulado «Tela Rústica» e esse outro que tem por título «A Gaivota», ambos eles a expressão impessoal de um mundo exterior.

Um pouco diferentes são esses dois longos poemas «O Novo Visconde» e «O Frade», os quais sendo também de expressão realista, são no entanto, descritos com aquela ironia que é própria dum juventude saudável como era a sua, a par de uma certa forma de irreverência que é, igualmente, apanágio de juventude.

E embora se possam, como se disse, enquadrar numa visão realista da vida, essa visão, no que diz respeito a António Fogaça, parece traduzir mais uma intuição que, propriamente uma experiência vivida.

Já o mesmo não se poderá dizer de um outro longo poema intitulado «Pepita», e no qual o Poeta vibra e se emociona, emoção estética idealizada e transposta nos seus versos, segundo a linha de um Romantismo que, repito ainda se vivia na Coimbra dos anos oitenta.

Poesia de singeleza, a deste Poeta. De pureza ainda, onde tudo é genuíno, quase diríamos fora do tempo real. E a não aceitação

dessa realidade, estende-se em António Fogaça à angelização da mulher, à sua puerilização.

São assim, em grande parte, os versos de «Orações do Amor», pequenos poemas dedicados à mulher amada, a quem o poeta considera «Alma ingênua de lírio» (Poema XL) ou «Lírio de Graça» (Poema XXIX) ou «Pomba do Céu» (Poema XXXIII), isto para citar, apenas, alguns deles.

E se o erotismo perpassa, por vezes, noutros versos, é um erotismo mais idealizado que realizado, como por exemplo, no poema «No quarto de Laís», ou num outro intitulado «Estância da carne» ou, ainda, em «Às Portas de Corinto».

A poesia de António Fogaça não é, no sentido rigoroso da palavra, uma poesia intelectual. A sua filosofia de vida não se prende em conceitos profundos de metafísica ou de misticismo. A sua poesia é fruto de uma juventude plena, que passa ao de leve pela vida, uma juventude simples e esperançosa e que como tal teria de surgir singela, fresca e radiosa.

Uma poesia no entanto, assinalável pela sua qualidade metafórica, pelo modo como sabe exprimir sensações amorosas em imagens que são, afinal, fruto da sensibilidade plástica de que António Fogaça é dotado, esse lirismo com que, por exemplo, no poema XII de «Orações do Amor», visiona «Róseos castelos cheios de azul».

Os poemas de António Fogaça são, indubitavelmente, uma obra poética que resistiu aos anos e que passado um século, é ainda evocada com vivo entusiasmo. Uma obra poética onde abundam imagens originais a par de arrebatamentos líricos e onde se verifica frequentemente, a associação do concreto e do abstracto.

Portanto, forçoso é concluir que a poesia de António Fogaça não constitui, apenas, a revelação de mais um poeta da segunda metade do Século XIX. Ela traçou pela sua simples existência, o quadro dentro do qual se desenvolveu e o percurso que, ao longo de muitas décadas, vem seguindo. Décadas que já ultrapassaram um século, o que por si só, diz do valor duma Obra que, pelo seu conteúdo e beleza formal, chegou até nós e em nós permanece.

Maria do Pilar Figueiredo





ORAÇÕES DO AMOR*

IV

*Eu desgraçado, eu triste, eu sonhador,
vi-te, assim como a noiva estremecida,
longe, no Azul, numa poeira de oiro...*

*E avaro desse amor,
de desejo, de bálsamos, de vida,
eu te abri o meu seio — o meu tesouro.*

*Quis viver para ti. Lutei. Meu pranto
rolou junto a teus pés, noiva cruel;
porém, tu, desprezando o meu tesouro,
em vez de enchê-lo de perfume e encanto,
longe, no Azul, numa poeira de oiro...
tu o encheste de fel!...*

VIII

*A deusa da Esperança procurou-me
para dizer-me: «Hei-de viver contigo,
quero falar-te dela, do seu nome
e do teu sonho delicioso e amigo.»*

*Bendita sejas tu, — exclamei eu —,
doce ventura a nossa...
Mas, de súbito, a rir-se, apareceu
a deusa gentilíssima da Troça.*

(*) Reproduzem-se algumas das 40 «Orações de Amor» que constituem o Livro Primeiro de «Versos da Mocidade».

*Segredou-lhe e fugiram-me... De resto,
como seguissem para a tua porta,
tive um pressentimento tão funesto
que a minh'alma ficou-se como morta.*

*Ó forma do desdém!
hoje, a deusa da Troça — vejo-a em ti;
mas aquela que adoro, — o eterno bem,
— a da Esperança, — nunca mais a vi!...*

XII

*Era ainda criança
e eu já via ante mim róseos castelos
cheios de azul, de sonhos e de esperança...*

*Mas uma vez dei fé
que sobre aqueles aposentos belos...
faltava não sei quê.*

*E olha, só hoje, numa vida triste,
me lembrei que faltavam teus anelos,
hoje, que não existe
nem talvez sombra desses bons castelos.*

XVII

*Não me seduzem pérolas e oiro,
prendas, diamantes, tudo quanto vejo;
eu vou dizer-te, Deusa, o que desejo
no meu tesoiro.*

*Muitos dirão: pobreza singular!
Mas olha, o meu tesoiro, com franqueza,
tudo despreza,
tendo a firme vontade de te amar.*

XX

*Imaginei que uns vultos, que choravam,
me arrancaram do peito o coração,
e num féretro negro mo levavam
num pequenino e lívido caixão.*

*O cemitério branquejava ao largo
entre os fumos da aldeia silenciosa,
caía sobre a terra um pranto amargo
e desmaiava a rosa...*

*Nisto, a meus olhos, vejo abrir-se o céu
e tu apareceres... E eu disse então:
«Vão depressa buscar meu coração,
que ainda não morreu.»*

XXII

*Sei que empregas os dias na canseira
de adornar um vestido de esplendores,
que é branco e azul e matizado a flores
de laranjeira.*

*Sei de tudo que é teu, tudo que é belo,
e anda em volta de ti, coisas que amei;
só do teu coração, de fogo ou gelo,
desse não sei.*

*Vai-se acalmando a luta em que me abrasas;
mas, enfim, se é tão pobre o meu amor!...
Se te não custa, ao menos, dize, flor,
quando te casas?...*

XXVI

*Junto a meus pés abrira-se um vulcão,
e só de olhar aquele forno adusto,
— ao que nos leva às vezes a ilusão! —
estremeci de susto.*

*Vi que aparecia ao longe o teu vestido
simples e alvinhento;
vinhas direita a mim, mas, de repente,
sorveu-te o abismo, sem um só gemido...*

*Contudo, aflito, do vulcão ciumento,
minha açucena imbele,
não hesitei um único momento,
e sem terror precipitei-me nele.*

XXXI

*Creio no que tu crês;
por isso escuto o que essa voz me diz
e te ajoelho assiduamente aos pés.*

*Creio no teu sorriso;
e sinto-me, se o vejo, tão feliz,
como junto do sonho que idealizo.*

*Creio no teu olhar;
é ele que me rasga, glorioso,
as mil portas do céu de par em par.*

*Creio em teu coração;
que, enfim, é como um templo majestoso,
onde eu adoro a própria Adoração.*

XXXIV

*Sonhava, mas de súbito uma Estrela
caiu-me sobre o leito
e disse: «A minha luz imensa e bela
vem aclarar as sombras do teu peito.»*

*Mal podendo fitar brilhos do céu,
eu respondi-lhe então
— ou, na verdade, até quem respondeu
foi meu cansado e triste coração:*

*«Volta ao seio do Azul, formosa Estrela,
eu te agradeço a luz e o teu sorriso,
bem vêes que sobre a terra não preciso
mais que dos olhos dela.»*

XXXVII

*Uma noite na relva perfumada
do meu jardim fui-me deitar tristonho.
Talvez sonhando, eu cria que era sonho
tua imensa beleza, ó minha amada!*

*Enquanto, vendo os astros que brilhavam,
cismava, a sós, na mágoa inconsciente,
percebi que, a meu lado, tristemente,
brandas vozes falavam.*

*Voltei-me... Eram as Rosas; não me viam...
mas, surpreso, escutando, vi que entre elas
se falava em teu rosto. Assim diziam
essas rosas tão belas:*

*«Se o Céu havia de criá-la, e enfim
vir mostrar-nos depois a sua face,
antes nunca criasse este jardim,
antes não noç criasse!»*

XXXVIII

*«Disseste-me que adoras essa estrela,
— notou-me alguém —, no entanto ainda não vi
que ancioso e sempre procurasses vê-la.»*

Porém, eu respondi:

*«Deus não se vê, mas sente-se... E então,
como é Deus para mim essa mulher,
não preciso de a ver,
sinto-a no coração.»*

XXXIX

*Sorrreste-me, — não era de costume...
E alegre e alucinado,
pensei enfim no dia do noivado
que é cheio de beleza e de perfume.*

*Pensei naquele amor que nos abrasa,
na alvura do teu peito,
no sonho, no prazer, no nosso leito,
no que havia de ter a nossa casa.*

*Vê tu que paraíso
num teu simples sorriso!*

XL

*A ti, mulher suave,
alma ingénua de lírio,
seio alvíssimo de ave;
amor santo, benéfico, insuspeito,
que foste no passado o meu martírio,
mas que és hoje a alegria deste peito
onde vibram num só dois corações;
a ti, branca Visão, com quem me deito
e com quem me me alevanto,
a ti, que em riso converteste o pranto,
eu consagro estas simples orações.*



MÁGOA E RISOS*

EM DEFESA

*Disseram-me que eu sou alucinado e triste,
que a febre que subjuga e uma dor que persiste,
violenta, a dominar meu sonho angustiado,
é tudo quanto deixo em versos espalhado;
que tenho dentro em mim um cemitério imenso
onde as ondas cruéis de um nevoeiro intenso
não deixam que me aqueça um raio só de luz;
que à minha cabeceira eleva-se uma cruz
como nos mausoléus; e que, se alguma vez
desejo colorir a imensa palidez
que estaca fielmente em tudo quanto escrevo,
se descobre a traição no mórbido relevo
das mágoas que a tristeza à pena me transporta...
Pois minh'alma estará sem brilhos, quase morta?
Pois terei de enterrar, assim como quem lança
diamantes à cova, a flor da minha esperança?!
Direi em breve tempo ao coração: perece!...
São horas de entoar a derradeira prece?!
Farei da mocidade um quadro degradante?!*

*Não pode ser! Eu sinto a pérola brilhante
da Alegria — a rolar dentro do coração.
Não desprezei ainda a glorificação
de ter junto dos meus os olhos que desejo.
Nunca senti ninguém trair-me no seu beijo.
Não sou dos que na luz andam na retaguarda,
nem visto ao pensamento a respeitosa farda
que acompanha, em silêncio, os carros funerários.
Os meus olhos não são uns húmidos sudários
reflectindo ao luar as lâminas fatais...*

* Reproduzem-se alguns poemas do Livro Segundo de «Versos da Mocidade».

*Não tenho por costume ir ver os hospitais
quando é clara a manhã no decorrer de Maio.
Nunca para sorrir necessitei de ensaio.
Não procuro da Mágoa a origem mais sombria,
nem a Dor me venceu, nem faço a apologia
da Lágrima que rompe, a fundo, nas paixões.
Pois que, para esquecer as pálidas Visões
que arrastam pelo Azul o espírito doente,
como um barco sem luz num lago resplendente,
ou para ambicionar os ideais mais belos;
para vermos a Musa envolver nos cabelos
grinaldas e festões com diamantes e prata,
sorrindo, a dominar, num olhar que arrebatava;
para expelir do Sonho as névoas da amargura:
para antever, sem luta, a própria sepultura,
o tenebroso, o abismo, o vago, os desenganos,
basta encarar o Sol e ter feitos vinte anos.*

*Porém, como não há clarões continuamente,
embora, pelo Azul, em flâmulas rebente
a aurora, no esbater dos lumes multicores,
como também existe inverno para as flores,
como nem sempre é clara a face do alabastro,
nem vemos esplendor, nem reflexo, nem astro,
que não traga consigo a franja da penumbra,
como um branco horizonte ao pôr do sol se obumbra,
a minh'alma também, num íntimo gemido,
descobre, a seu pesar, um ponto denegrado
na harmonia da luz que lhe palpita dentro...*

*É assim que, alguma vez, as lágrimas concentro
na vida, se o chorar me afluí ao coração.*

Pode um verso, ser triste e hilariante a Canção!...

O FRADE

A Machado de Almeida

*Este santo que passa — salvo seja —,
que em tempos fora um D. João tunante,
e tinha uma abadessa por amante,
e tratava de resto a sua igreja;*

*que outrora fez satânicos papéis,
com ciúme das belas desposadas,
e era encontrado à flor das madrugadas,
ou saindo da adega ou dos bordéis;*

*homem de frases espirituosas,
retalhadas à foice do epigrama,
que se banhava ao levantar da cama
numa essência caríssima de rosas;*

*ele — que fez a inveja dos janotas
e foi sempre um risonho perdulário
e era um cínico, um ponto extraordinário,
esperado com ânsia nas batotas;*

*ele, o sadio, o amado das donzelas,
que encerrava na alma as sete cores
quando as levava a um leito de esplendores
e lhes narrava as noites de Odivelas;*

*o mesmo que, ao sentir, cioso e bruto,
duma criança um beijo inconsciente,
mordia os lábios gloriosamente,
como um gaiato que apetece um fruto;*

*tipo boêmio, frade sem clemência,
padre sem missa e sem dobrar o joelho,
este grande maroto, estando velho,
vem agora falar-me de consciência...*

*Mudam-se os tempos, mudam-se os costumes;
foi por isso, talvez, que o velho exangue,
sentindo a idade a resfriar-lhe o sangue,
abandonasse as freiras e os ciúmes.*

*Porém, — torpe velhice a deste infame,
que às veneras que vendê em seu proveito,
sem remorso, sem honra e sem respeito,
anda fazendo com sermões — reclame.*

*Têm elas seus efeitos sempiternos...
E diz ele que usando-as ao pescoço,
e rezando-se ao dia um padre-nosso,
livram todas as almas dos Infernos.*

*
* *

*Enquanto passa, as rudes multidões,
como o vêem assim velho e curvado,
descrevem-lhe que a nódoa do pecado
lhes enegrece a flor dos corações.*

*Mas o frade a sorrir, sondando a mágoa,
dá-lhes conselho e penitência, à bruta,
e vende àquela gente que desfruta,
para a limpeza, seis garrafas de água...*

*Ainda tem outro ofício muito à mão
— o da bula das carnes e dos peixes;
porque a Alma sem ela — que escabeches! —
fica avinhada numa excomunhão!...*

*
* *

*Tão corcunda que é, nem olha os céus;
pára, recua, precavendo assombros,
bem como se levasse sobre os ombros
dum lado o Diabo, do outro lado — Deus.*

PEPITA

A Júlio Soler

*Ó bailadeira formosa,
errante de praça em praça,
de linhas feitas de rosa
e gestos feitos de graça;
 salero!
no toque da pandeireta.
Canta na tua desgraça,
chora no teu desespero,
que a turba brada faceta:
 salero!*

*O que lhe importam, Pepita,
as tuas mágoas secretas;
se o coração as agita...
os olhos das violetas
 que chorem.
Invejar-te-ão com raiva
as tranças nédias e pretas...
Mas que essas mágoas deplorem
já não há peitos, que eu saiba,
 que chorem.*

*Pelo azul da aspiração
quantos raios desprendidos!
Deixa os sonhos partidos
a quem traz o coração
 de luto...
Ó minha pálida filha,
na forma de teus vestidos,
— tristonho lírio impoluto —,
anda altivez de Sevilha
 de luto.*

*Se o pranto nunca repousa,
pior é a vida que a morte:
ao menos busca uma lousa,
que é mais tranquila que a sorte,
 Pepita.*

*Essa beleza tamanha,
sem amor, sem luz, sem norte,
vergou à dor e à desdita...
Ai, que saudades da Espanha,
Pepita!*

*Que santo amor virginal
vagará, triste, por ti,
nas salas do Escorial
ou nos jardins de Madrid
chorando;
se, enquanto vais na miséria
divertindo a quem sorri,
loucas, perdidas em bando,
erram as pombas da Ibéria,
chorando.*

*Estende a mão para a esmola
ao povo que anda na praça
a ver o tom da espanhola,
dançando e rindo com graça.
salero!
no toque da pandeireta!...
Canta na tua desgraça,
chora no teu desespero,
que a turba brada faceta:
salero!...*

A MULHER-ESTÁTUA

A Julião Félix Machado

*Como o brilho em seu rosto é apenas reflectido
não doira os corações que se aproximam dela;
lembra um rasto de luz, que, à noite, alguma estrela
deixasse pelo Azul, entre as névoas perdido.*

*O perfume glacial que o seu contorno invade,
não lhe pertence. Um poeta amante e alucinado,
como quem a Ilusão envolve na Saudade,
ao expirar, beijando-a o deixou perfumado.*

*A vida que percorre, as fictícias paixões
e quanto vemos nela a rir, num ar violento,
são lances dum radioso e alheio sentimento,
pertenceram outrora a muitos corações.*

*Não estremece o amor dos sonhos mais dilectos,
sendo a dona cruel dos palácios do Encanto,
ao ver junto a seus pés a turba dos affectos
encher-se de surpresa e recuar de espanto!*

*Se o Artista que sente a mágica impressão
de vê-la, deslumbrado o seu génio transforma...
— impossível! — tentando apreender-lhe a forma
perde, como num sonho, a altiva concepção...*

*É triste como a névoa e fria como o gelo,
e atraente e distinta e simples e formosa.
Não mostra como os Sóis brilhos no seu cabelo,
em seus lábios não há dons carmíneos de rosa.*

*Na esfera que a circunda anda um clarão eterno
que é feito dum olhar suspenso, que a adorara
e imprime um tom violeta à sua carne clara,
mais traidora, talvez, do que o luar do inverno.*

*Esplende com a pompa e o ar da antiga Vénus,
mas sua alma é vazia, o seu gesto oprimido;
e como que há na luz dos seus olhos serenos
a moribunda paz do espírito abatido.*

*Mas o Amor, quando a admira e vê, como se a morte,
beijando-a, congelasse a beleza inconsciente,
vibra em nós, em delírio, extraordinariamente,
sequioso e fatal como os ventos do Norte.*

*E apesar disso, em febre, — incansável desejo! —
ai! quem nos consentira, a sós, pelo luar,
como em negro fadário e humílimo cortejo,
com os olhos no chão, irmos pô-la no altar!...*

NO QUARTO DE LAÏS

*É de volúpia o leito em que adormeço.
Roçam-me a carne beijos e plumagens.
Alvo colar de pérolas sem preço
desata, a espaços, uns clarões selvagens...*

*Batem da Lua os raios no colar.
Sinto o teu corpo, — um divinal tesoiro;
e lembram-me essas formas, ao luar,
folhas de lírio com vislumbres de oiro.*

*
* *

*Na puríssima tez, fresca e vivace,
que só de olhá-la fica um peito exangue,
teus uns veios azuis como se andasse
uma safira a percorrer-te o sangue.*

*Com tuas formas idealizo o harém.
Deslumbrantes huris, meu sonho inerme,
não têm os brilhos que os teus seios têm
na penugem doirada da epiderme.*

*
* *

*Dá-me essa taça cheia de segredos...
esses contornos flácidos de arminho,
deixa que eu goze os teus encantos ledos,
como quem sorve um delicioso vinho.*

*Que sede eu tenho quando nos abraça
um balouçar suavíssimo de rede!
Porém, se bebo da iriada taça,
fico-me sempre com a mesma sede.*

*
* *

*Cerro meus olhos lânguidos de leve.
Fazem-me doido uns lábios tão vermelhos.
Como a dois travesseiros cor de neve
justa-se a branca roupa aos teus joelhos.*

*Repoiso então sobre esses travesseiros;
pois, se te abraço, pomba, desfaleço.
Da aurora fulgem os clarões primeiros.
— É de volúpia o leito em que adormeço.*

O NOVO VISCONDE

A Joaquim Álvares da Silva

*Tem um vasto palácio, um labirinto,
onde espalhou, ébrio de luxo, avaro,
quanto existe de caro
desde o elegante ao cómodo e distinto.*

*É uma bela figura, um cavalheiro
que apenas sonha distinções, medalhas,
tendo ainda o seu quê de merceeiro
nas suíças grisalhas.*

*Consta que fez a consciência larga,
sem que a fizesse vil...
e que tivera uma existência amarga,
quando fôra cabaço no Brasil.*

*Dizem alguns, porém,
que há nele qualidades atendíveis,
que é um homem de bem,
um talento incorrupto,
um brasileiro honrado;
— mas há pessoas de opiniões terríveis,
que afirmam que o visconde é muito bruto,
muito patife e muito malcriado.*

*

*

*

*Quando vai no seu carro deslumbrante,
como um fidalgo, — impávida a cabeça —,
e a seu lado a senhora viscondessa,
loira e gentil... Mas vamos adiante...*

.....
.....

*Seus filhos, que parecem dois chineses,
vão-lhe tomando as manhas;
tendo umas caras túmidas, estranhas,
embirram com os filhos dos burgueses.*

*Ele é toda a grandeza; a flor que esmaga
velhos párias, outrora seus iguais;
e tem homens de letras a quem paga
as linhas de reclame nos jornais.*

*
* *

*Faz grandes recepções;
e, nas noites de festa,
chega também a ter nos seus salões
a fidalguia mais honrada e honesta:
os condes, os barões,
os banqueiros mais calvos e sinistros...
vários sujeitos nobres
que não têm título; os marqueses pobres,
o clero e alguns ministros.
E sabe-se até mais:
que, depois do seu chá, por costumeira,
faz uma batotinha sorrateira,
muito em particular,
com damas, conselheiros, generais,
e algum pato que seja titular.*

*Não dá muita importância aos deputados,
mas confessa as razões,
e diz que estes senhores
são na verdade uns grandes depenados
e uns grandes maçadores.*

— Isto, porém, com várias excepções.

*
* *

*Há tempos, o povinho
descobrirá que o nobre titulado
é filho de um plebeu bem desgraçado,
de um pobre sapateiro do Alto Minho.
— E o Visconde sentira-se aterrado.
Começava na roda um borborinho...*

*Foi o caso — que o mestre,
farto duma existência pouco séria,
ou do seu lar campestre,
lançando ao ombro o saco da boroa
e a trouxa da miséria,
deu-se às gâmbias, caminho de Lisboa.*

*Mal chegado que foi
o pobre sapateiro,
o desgraçado herói,
viu de frente os focinhos de um porteiro
que lhe disse: «O que quer, seu peralvilho?»*

«Eu quero entrar, desejo ver meu filho.»

*«Seu filho? Está maluco?
Bem te conheço a escola!
Olhe, se quer esmola,
cá no palácio já não canta o cuco.*

*Para todos vocês foi uma peça,
mas é como lhe digo;
a nossa viscondessa,
que é capaz de ceder a própria vida,
foi há dias de todo proibida
de jamais proteger um só mendigo,
qualquer como você, que, nessa lida,
rouba quem pode e serve de empecilho.»*

*Responde o velho: «Eu não lhe peço nada,
só quero que o meu filho
aqui venha, o João...»*

*Porém o outro, numa força irada,
redobrou o colérico: «Intrujão!
seu grande meliante, seu madraço,
então você não treme de dizer
que é pai cá do senhor...»*

*E levantando o braço
deu-lhe apenas seis murros, a valer;
é claro, por favor.*

*E vermelho dos ódios que o consomem
duma maneira crua,
dizia ao pobre homem:
«Ponha-se já na rua!...»*

.....
.....

*

*

*

*Duma janela, os netos
troçavam o velhote
pelo montão de trapos bem abjectos
do seu velho e misérrimo capote.
A guarda quis prendê-lo.
Porém, teve piedade,
ou respeito, ao alvor do seu cabelo.
E ele, em seguida, então
lembrou-se de buscar uma taverna,
onde livre chorasse a dor paterna,
longe da luz, dos filhos, à vontade,
sôzinho como um cão.*

*Perdido e esfomeado,
lembrava, aflito, as coisas do seu lar,
o seu trabalho, o pequenino eirado
e o seu viver antigo,
agora, que não tinha um velho amigo,
nem tinha forças para lá voltar...*

*

*

*

*E contudo o porteiro,
esse feroz e estúpido rafeiro,
tinha alguma razão.
«Pai do senhor visconde?
não era aquele, não...
pois que ouvira dizer — nem sabe aonde —
— talvez ao próprio amo —
que seu pai pertencia a um nobre ramo
duma casa fidalga da nação.»*

*

*

*

*Quando enfim o ricaço entrou em casa,
o valente criado,
convulso ainda e com o olhar em brasa,
descreveu-lhe o perfil do malcriado
e tudo o mais que havia...
A espaços, o visconde estremecia,
como quem sente um ruim pressentimento.*

*De momento a momento
ia-lhe o caso ao goto...
E ao ver-se ali quase traído, disse:
«Co' os diabos, se o visse,
decerto o mataria!»
«Ora vê lá que célebre maroto!...»*

E subiu triunfante a escadaria.

*
* *

*Tudo isto fez bulha
às mesas dos cafés, pela cidade;
alvorçou as praças e a patrulha.*

*E alta noite, no Centro,
causou grande surpresa;
veio à baila o palácio do visconde;
falava-se de lágrimas lá dentro,
dum caso grave de infidelidade,
da viscondessa presa,
de muitos crimes que o dinheiro esconde...
contando-se, com muita indignação
e fingida tristeza,
o facto da expulsão!...*

.....

*
* *

*Porém, passados meses,
ficara tudo como estava dantes;
o titular comprara com diamantes
os últimos revezes...
Só numa tarde, — à mesa, um convidado,
na festa dos seus anos,
vendo-o já sem a olímpica alegria
do bom tempo passado,
jantando, mudo, entre uns provincianos,
disse a um outro sujeito que sorria,
satisfeito, a seu lado:*

*— «Que haverá nele, amigo,
parece que anda pálido, tristonho?!...»
«Eu lhe digo. Eu lhe digo...
Cá para mim suponho
que... o visconde fidalgo e com dinheiro,
coitado! tem desgosto,
em ver que os filhos no sanguíneo rosto
fazem lembrar o velho sapateiro.»*

A UMA ARISTOCRATA

*Minha Senhora: Eu sei que esse brasão
faz abaixar os olhos ao mendigo,
que há muito tempo procura abrigo
no seu altivo e frio coração.*

*Sabia que nos bailes Vossa Excelência,
entre as fidalgas íntimas do paço,
apenas concedia um riso escasso
ao filho dum marquês... em decadência.*

*Um dia, cativou-me aquele olhar
que essa grande nobreza às vezes lança:
ou para rebater qualquer esp'rança,
ou para alguma esp'rança alimentar.*

*Nesta alucinação, dum grande anelo
não dei a conhecer meu desespero,
pois muitas vezes sonho e amo e quero,
e nem me atrevo ao menos a dizê-lo.*

*Contudo, Vossa Excelência, num mau dia,
parece que sentiu o olhar plebeu,
como a manchar-lhe o casto azul do céu
que demandava a sua fantasia.*

*Desde esse instante é que essa mão pequena
não descansou ainda, erguendo o muro,
que deve separar este amor puro
da nobre face pálida e serena!*

*Ao avistar-me só, volta-me as costas,
(o que não é cortês na velha raça),
talvez p'ra não ferir, se por mim passa,
as rendas no vestido sobrepostas.*

*Pois bem: se Vossa Excelência dá licença,
eu descerei ainda a recordar,
não o soberbo raio desse olhar,
o que hoje para mim era uma ofensa,*

*mas sim: se já não sente o coração,
ao menos p'ra consolo dos avôs,
que tenha bem presente o que entre nós
se chama em português — educação.*

(14-11-1883)

ÀS PORTAS DE CORINTO

*És para os olhos, deusa, a mais formosa;
és para o tacto a sensação violenta...
és da Volúpia um fruto cor de rosa,
teu hálito adormenta.*

*Dá-me um vinho tão loiro como a luz
que o Sol espraia sobre o azul do mar,
faze crescer em mim o gozo a flux,
e deixa-me sonhar.*

*Minh'alma anda a vestir-se de esplendores;
quer conhecer, ó planta envenenada,
num leito excepcional, de madrugada,
a embriaguez das flores.*

*Desejo amar-te ao menos por instantes;
rasga, despe o vestido — esse tesoiro
de gaze branca e azul, bordado a oiro,
aljofres e diamantes.*

*Quero sentir-me preso dos teus braços,
perfeitos como um sonho escultural;
deixa que eu suba em lânguidos abraços
a um róseo mundo ideal.*

*Mas depois, cortesã, ó flor da escória,
quando eu tombar exausto, amortecido,
lança-me à vala, eu devo ter morrido
ébrio de gozo e glória!...*

A GAIVOTA

Ao Dr. Miguel Pereira da Silva

*Passa-me o rio em frente dâ janela.
Muita vez, ao luar, noites de rosa,
vejo boiando uma gaivota ansiosa
sobre a corrente múrmura, singela.*

*É sempre a mesma. É uma delícia vê-la;
e tanto me entretém, voluptuosa,
que chego, nesta vida trabalhosa,
quando ela falta, a ter saudades dela.*

*Pois que, vendo-a passar boiando e mansa,
sinto-me alegre; e ocorrem-me à lembrança
as conquistas, a lira, a morbidez,*

*dum trovador ditoso flutuando
pelos canais, em gôndola, cantando,
nas amorosas noites de Veneza.*

Figueira — 87.

TELA RÚSTICA

(Minho)

A Ernesto Leite de Vasconcelos

*Meio-dia. A estação canta radiosa,
colorida e vibrante; nos eirados
jantam à sombra os homens fatigados
pelo esforço da vida trabalhosa.*

*Dos insectos a turba luminosa
volteia e zumbe; percorrendo os prados
andam as aves chilreando, os gados,
e a corrente das fontes murmurosa.*

*Colhem à cesta o fruto nos pomares,
ditosas, as crianças, num delírio,
descantando os seus versos populares...*

*E, nas vides, do alto, enchendo a vista,
brilham ao sol as uvas, cor de lírio,
como cachos enormes de ametista.*

SONHADA ESPOSA

A Trindade Coelho

*Num cansaço febril, quando me deito
por longas tardes, na estação calmosa,
penso que uma mulher deliciosa
vem deitar-se também sobre o meu leito.*

*Embriagado de gozo, junto ao peito,
em cinjo então a carne gloriosa
dessa forma de pérolas e rosa,
entre os sonhos o sonho mais perfeito.*

*Mas, a um lânguido beijo me parece
que o meu sangue ardentíssimo estremece
num eflúvio de amor que me extenua.*

*Quase perco a razão, caem meus braços...
E ela foge-me, a rir, pelos espaços,
ainda cheia de aromas, branca e nua...*

ESTÂNCIA DA CARNE

*Minha deusa!... O desejo, o amor, a inspiração,
— três verbenas que têm raiz no coração —,
a epopeia da glória e as visões que idealizo,
tudo eu vejo a boiar no teu simples sorriso,
que é como a placidez dum ocaso sereno.
Mas, para tanta Luz, este afecto é pequeno...
Abre-me as asas, pomba, abre o teu peito ansioso;
deixa erguer-se-me na alma a flâmula do gozo
ao pensar que te beijo, ao cismar que te abraço
e que me envolve a carne um veludíneo braço
tão azulado e nu, que apetece mordê-lo.
Deixa-te desnudar, desprender-te o cabelo,
e arrancar-te, sonhando, as vestes perfumadas...
Não é herança do Oculto a beleza das fadas!
Nem as Rosas, nem Deus, Miguel Ângelo ou Rubens
honrariam o Sol quando está entre nuvens!*

VISÃO DUM LEITO

A José Luís Sardinha

*Ei-la dormindo! Como a branca espuma
que desliza ao quebrar dum onda enorme,
é seu leito tão flácido... que, em suma,
lembra uma concha onde a Volúpia dorme.*

*Cerrado o olhar, um céu de ignoto enleio,
o seu corpo febril me surpreendeu...
nudez do acaso, enfim, um céu que veio
como a suprir os lumes do outro céu.*

*Forma suave, branda, áurea-divina...
— céu para os lábios, flor que em sonho amado
de puríssimos gozos se ilumina,
sob um clarão de luar doce e azulado.*

*E eu sem poder tocar naquela face...
nem conseguir ao menos esquecê-la!
Eu — como se este olhar, triste, ficasse
a vida inteira condenado a vê-la!...*

*Vê-la sem a beijar, — fosse de leve!
voluptuosa, entre ilusões e alvares,
como um raio do Sol doirando à neve,
como um perfume sobre um mar de flores.*

ANTÓNIO FOGAÇA

CENTENÁRIO DO FALECIMENTO

PROGRAMA

- Concurso de poesia para os alunos das Escolas Preparatórias e Secundárias do concelho, com a atribuição de um prémio no valor de 10 000\$00 e 5000\$00 em livros, ao primeiro e segundo classificados.
- Apresentação nas aulas de Português das Escolas referidas anteriormente, da vida e da obra do autor e a constituição de unidades didácticas.
- Exposição Biográfica e Documental «António Fogaça Poeta de Sempre» na Sala de Exposições do Palácio dos Duques de Bragança.
- Conferência «António Fogaça Poeta de Barcelos» pela Dr.^a Maria do Pilar Figueiredo, no Salão Nobre da Câmara Municipal de Barcelos
- Descerramento da Placa Toponímica com o nome de «António Fogaça».

Nota: Os actos solenes mencionados nos três últimos pontos realizaram-se, nesta cidade de Barcelos, no dia 20 de Maio de 1989.

biblioteca
municipal
barcelos



27408

«António Fogaça poeta de
sempre»